



## CICLO DE CONFERÊNCIAS

## PORTUGAL A SOMA DAS PARTES



OTOC  
ORDEM DOS TÉCNICOS  
OFICIAIS DE CONTAS



António Perez Metelo (ao centro) mediou ontem o debate promovido por DN, TSF e Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC)

# Turismo mas também a pesca e a agricultura contra a crise

**Algarve.** Turismo foi tema forte da 1.ª Conferência 'Portugal, a Soma das Partes' do DN, TSF e OTOC

PAULA BRITO

"O caminho está descoberto, agora é preciso alargá-lo para os próximos 10 anos", defendeu António Pina, presidente do Turismo do Algarve, alertando para a importância de explorar novas áreas de negócios com o objectivo de ajudar na recuperação do País. Neste mesmo âmbito, os deputados eleitos pelo distrito de Faro, onde decorreu a 1.ª Conferência - "As Economias Regionais como Factor de Desenvolvimento" -, de um ciclo mais vasto "Portugal, a Soma das Partes" - foram mais longe e apontaram as potencialidades da pesca, da agricultura e da indústria (ver página ao lado).

Neste sentido, e destacando os diversos programas de apoio não só financeiros, como de estudos sobre as necessidades europeias, o presidente do Turismo do Algarve reforçou a importância do empreendedorismo.

Mas obedecendo a 10 mandamentos, a saber: "Aposte num projecto com o qual se identifique; uma boa ideia não é garantia de sucesso; não se feche na sua ideia; enquadre o projecto no território; defina o seu público-alvo; avalie o risco; encontre parceiros de negócio; verifique todos os condicionais da actividade; não se fique apenas pela região e tente antecipar o futuro."

Já o experiente André Jordan defendeu a reestruturação de dívida do sector do turismo de 50 mil milhões de euros. "Para sermos positivos temos de ser realistas", disse fundador da Quinta do Lago e de Vilamoura, referindo que "os promotores têm que se unir para se reestruturar e criar financiamento, criando-se passivo vivo dentro do investimento" (ver entrevista ao lado).

Destacando o momento "muito difícil" que o País atravessa, André Jordan aponta o foco também para os empresários, "de pequena dimensão na maior parte dos casos", alertando que o sector "está ameaçado".

1.ª conferência reuniu ontem em Faro vários protagonistas

No entanto, recordando a sua experiência, alerta que apenas "as coisas que são bem concebidas e geridas duram. Estou ligado à Quinta do Lago e Vilamoura, que vão a caminho dos 50 anos e cada vez estão melhor. Tudo tem a ver com o critério e análise no princípio da sua concepção".

Mas também com a promoção em relação à qual o Estado apenas tem de apoiar. "São as empresas que têm que se juntar, esta é uma função das empresas", reforça André Jordan, criticando o programa Allgarve, a que chamou de "erro de interpretação" de

um ministro da Economia que viu esta questão de uma "forma muito pessoal".

Macário Correia concluiu que "cada vez mais o Algarve é uma grande cidade europeia, com vários núcleos, mas que tem de ter visão global".

Destacando a distinção geográfica do Algarve - à beira da água com estreita relação com o Alentejo e Andaluzia -, o presidente da Câmara de Faro argumentou que a "regionalização pode ser um factor de reorganização do Estado". Eliminar governos civis para reduzir a despesa foi aplaudido pelo autarca, que defendeu também o fim das assembleias distritais, que "ninguém sabe o que fazem, nem para que servem", assim como a necessidade de mexer nas grelhas administrativas, que não mudam há 200 anos. Além do mais, o Algarve deve dar atenção aos fundos a partir de 2014, para não sair prejudicado. Com JOSÉ MANUEL OLIVEIRA

## Macário Correia

- Presidente da Câmara de Faro; ex-presidente da Câmara de Tavira; ex-vereador de Lisboa; ex-deputado à AR pelo PSD, onde presidiu à Comissão Parlamentar de Saúde; ex-secretário de Estado do Ambiente
- Licenciado em Engenharia Agronómica e Arquitectura Paisagista (Inst. Sup. de Agronomia); Mestre em Economia Rural na Univ. Montpellier.

"Enquanto não houver regionalização efectiva, com as matrizes que vierem de Bruxelas, é através dessa janela [apoios comunitários] que o Algarve tem de fazer alguma coisa, contribuindo assim para o todo e muitas vezes mais do que recebe".

"Importa o alargamento do turismo e da sua coroa, que dependerá do desenvolvimento de outros sectores como o náutico, a aquicultura, a pesca e a agricultura."

"Além desta coroa do turismo, importa o desenvolvimento tecnológico, através do qual se dará a reindustrialização do sector."

ANDRÉ PIMPÃO,  
EX-REITOR  
DA UNIV. DO ALGARVE



Mendes Bota (PSD)

Economista e empresário. Deputado à AR pelo PSD nas III, IV, V, VI, VII, X, XI e XII legislaturas; ex-deputado ao Parlamento Europeu; ex-presidente da Câmara de Loulé; pres. da Comissão Política do PSD/Algarve.

“Turismo é fábrica e vai relançar a economia”

ESTADO O deputado do PSD apontou para a necessidade de o turismo português apostar em Espanha devido à proximidade. Já em relação a outros mercados entre os quais Angola e Brasil, considerou que “tudo leva tempo”. Mas afirmou ser preciso ao Algarve captar um sector como “os reformados da Europa, concedendo-lhes benefícios fiscais” para aqui investirem e se instalarem. Reconhecendo que “o modelo de desenvolvimento do Algarve não deve ser a monocultura do turismo”, Mendes Bota chamou a atenção para as actividades tradicionais, apesar de terem limitações ao nível do tempo necessário para se tornarem produtivas. Caso da floresta e da pesca, sector “que leva anos e que conta com 5000 pescadores”. J.M.O.

“As contrapartidas [no acordo com a Repsol para a exploração de gás ao largo da Ria Formosa] são “ridículas.”

“O Algarve nada ganhava com a exploração de gás natural ou petróleo. Não havia receitas fiscais directas e existiam riscos ecológicos, mas nada foi salvaguardado.”



Cecília Honório (BE)

Deputada do Bloco de Esquerda (BE). Deputada à AR pelo BE nas X, XI e XII legislaturas; professora do ensino secundário e doutorada em História das Ideias Políticas.

“Escavar as assimetrias da região”

ASSIMETRIAS “Se queremos falar a sério temos de falar sobre o facto do turismo ser uma actividade importante que tem que se articular com o sistema produtivo”, defende a deputada pelo BE.

Cecília Honório alertou ainda para o facto de a “região do Algarve viver fracturas profundas que precisam de respostas imediatas”. Daí que seja tão “inevitável e urgente a regionalização para falar desta região”, quanto é a “renegociação da dívida, bem como a sua auditoria”, criticando o “peso extraordinário do sector imobiliário/turístico”. Além do mais, defendeu Cecília Honório, “é preciso escavar as assimetrias brutais da região” – desde Vila do Bispo, a Alcoutim, contra Albufeira ou Quarteira ou Loulé.

“O País não pode viver sob esta lei do financiamento das autarquias. Temos de ter uma política de mais-valias urbanísticas, uma lei consistente dos solos e não podemos viver com ‘spins’, que tiram o acesso às praias por causa de campos de golfe. Temos de falar de investimento em infraestruturas para a região.”



João Soares (PS)

Deputado à AR pelo PS nas V, IX, X, XI e XII legislaturas; presidente da Ass. Parlamentar da OSCE; ex-presidente da Câmara de Lisboa; ex-conselheiro de Estado; ex-deputado ao Parlamento Europeu.

“Problemas tratados na óptica regional”

INFRAESTRUTURAS “O Algarve tem condições excepcionais, além das reconhecidas mais-valias habituais como o sol, a praia, o mar...”, defendeu João Soares, acrescentando-lhes as infra-estruturas como “o aeroporto e a universidade, mas também o hospital, a rede escolar, que têm vindo a melhorar”. O problema, defende, está na burocracia ao nível, por exemplo, do governo civil, com 20 instituições.

Referindo-se ao facto de o “País, a Europa e o mundo viverem uma das maiores crises económicas, com pequenos paleativos”, o socialista insiste que há questões que têm de ser resolvidas, como o caso da energia”, até porque o “Algarve tem no seu offshore condições para resolver esta questão, até no gás natural”.

“É preciso que isto [a crise que o País atravessa] seja resolvido, que não seja na lógica do nacional-maniqueísmo, de facilidade, mas redutora ou estrita e estreita.”

“A rede escolar do Algarve tem vindo a ser melhorada, mas também a da saúde. Hoje, são muitíssimo bem dotadas.”



Artur Rego (CDS-PP)

Deputado à Assembleia da República pelo CDS na XI e XII legislaturas. Licenciado em Direito, é actualmente advogado na região do Algarve.

“Não podemos cometer os erros do passado”

MUDANÇA “Não podemos avançar de forma correcta se não soubermos analisar o passado numa lógica séria, agora que estamos a reequilibrar a dívida”, defendeu Artur Rego, do CDS-PP. “O Algarve tem de mudar”, defendeu o agora advogado, insistindo na análise de diversas áreas de intervenção, de que é exemplo o ordenamento do território, onde “há que emendar erros do passado como a proibição de qualquer construção fora da faixa marítima consolidada, pois acentuou o estado de abandono da maior parte terrenos agrícolas”. Alertando para a força do Algarve estar também na agricultura e nas pescas, Artur Rego avisa: “Não podemos reduzi-lo apenas a um destes sectores. Foi um erro do passado que custou caro”.

A ‘fábrica’ do turismo está montada desde os anos 60, e não com programas como o Algarve. Temos que reflectir sobre o que é o turismo – de reformados do norte da Europa.”

“Nas pescas fez-se o abate nos anos 90 e agora os pescadores são obrigados a ficar em terra e ver passar os espanhóis.”



Paulo Sá (PCP)

Deputado à Assembleia da República pelo PCP na actual legislatura; professor universitário; doutorado, mestre e licenciado em Física e membro da Assembleia Municipal de Faro.

“Aposta no turismo negligenciou outros sectores”

DESEMPREGO Enquanto a taxa nacional de desemprego é de 12,4%, no Algarve os números apontam para os 17%, diz o deputado do PCP, frisando que este valor será “bem superior – chegará aos 23%”, concluindo que se vive uma “crise regional que se sobrepõe à nacional”. Tudo por causa do modelo que “apostou no turismo e negligenciou outros sectores”, explicou Paulo Sá, defendendo a necessidade de se “diversificar com a agricultura, as pescas e a indústria”.

“Áreas que precisam de pouco investimento”, diz, apontando a eliminação do código contributivo e a atribuição de subsídio de gasolina “para diminuir os custos de produção e obter impactos positivos”. Em suma, “só com o turismo, nada de profundo acontecerá”.

“O turismo é importante, mas desta actividade não beneficiou todo o Algarve. O interior algarvio é um desses casos. Esse outro Algarve, desertificado e com os jovens em deslocação para o litoral à procura de emprego escasso e sazonal. Alcoutim é um desses casos, sendo o conselho mais pobre a sul.”

4 PERGUNTAS A...

“Temos de vender cem mil propriedades em cinco anos”



ANDRÉ JORDAN Empresário

Como é possível minimizar a dívida de 50 mil milhões de euros que diz existir por parte das empresas imobiliárias em Portugal?

Reestruturando a dívida. Ou seja, projectando-a a longo prazo, com o seu pagamento vinculado às receitas das empresas por venda de imobiliário ou por receitas turísticas com garantias reais. Neste momento, não existe financiamento porque não há compradores, nem promoção. Estamos no zero, numa situação pré-falência de um sector inteiro e temos de o salvar.

Defende incentivos fiscais aos compradores estrangeiros em Portugal. De que forma?

Proponho uma atractividade fiscal. O residente estrangeiro que vive cá não deve pagar impostos sobre os seus rendimentos fora de Portugal. Só paga pela residência que aqui tem. Essa é a fórmula usada pela Inglaterra, pela Suíça.

Portugal poderá aumentar esse tipo de mercado?

Temos de vender nos próximos cinco anos cem mil propriedades. Se o conseguirmos, vamos resolver grande parte do problema financeiro de Portugal.

Referiu a necessidade de as empresas unirem esforços aos do sector da segurança privada no Algarve. Como? Têm de propor um plano e implementá-lo com as autoridades. Um plano – de prevenção, patrulhas – em que os privados participem financeiramente no esforço.